

Riobaldo, um existencialista no sertão

Riobaldo, an existentialist in the backlands

Gustavo Luz Raft¹

Resumo

O artigo propõe uma leitura do personagem Riobaldo à luz de alguns conceitos da filosofia existencialista sartreana. Na imensa fortuna crítica do romance Grande sertão: veredas há inúmeros estudos que partem de perspectivas filosóficas variadas, no entanto o Existencialismo tem ficado em segundo plano. A partir de considerações acerca da conduta do narrador em relação ao amor, ao medo e à coragem, e amparados, sobretudo, em reflexões de Antônio Candido e Willi Bolle, concluímos ser pertinente afirmar que Guimarães Rosa elabora a tomada de consciência de Riobaldo tendo em mira noções existencialistas, ademais contemporâneas da produção e publicação do romance, em 1956.

Palavras-chave: *Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas. Existencialismo. Literatura e filosofia*

Abstract

In the immense critical fortune of the novel Grande sertão: veredas there are numerous studies that draw from various philosophical perspectives, nevertheless Existentialism has been in second plane thus far. Therefore, this article proposes a reading of the character Riobaldo in the light of some concepts of Sartrean existentialist philosophy. Based on considerations about the narrator's conduct in relation to love, fear and courage, and supported mainly by reflections of Antonio Candido and Willi Bolle, we conclude that it is pertinent to affirm that Guimarães Rosa elaborates the awareness of Riobaldo with a focus on existentialist notions, which were contemporary to the production and publication of the novel, in 1956.

Keywords: *Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas. Existentialism. Literature and Philosophy*

Recebido em: 07/02/2020

Aceito em: 23/09/2020

Introdução

O romance Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, conta a vida de Riobaldo quando jagunço pelo sertão do Brasil. A história é narrada, sobretudo, em forma de memória pelo protagonista, que revive as lembranças ao relatá-las a um senhor, cuja identidade plena nunca nos é revelada, apenas traços de sua subjetividade, captados na fala monológica do agora latifundiário Tatarana. Além de suas aventuras e batalhas, de subordinado a chefe de bando, Riobaldo nos fala também de seu amor intenso pelo amigo Reinaldo/Diadorim, que terá sua identidade feminina revelada (Maria Deodorina) somente no final da história. A saga de Riobaldo pode ser lida como um mergulho radical da existência humana em relação com o meio social e o espaço.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Publicado em 1956, *Grande sertão: veredas* é uma obra modernista, caracterizada por uma reflexão crítica acerca da brasilidade e, assim, pela problematização de temas referentes à exclusão social. Mas o que a torna uma das obras mais prestigiadas da produção literária brasileira são as múltiplas possibilidades de leitura, como já anunciaram as palavras iniciais do ensaio pioneiro de Antonio Candido, de 1957: “nela há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício” (CANDIDO, 1983, p. 294). A narrativa é elaborada em constante *mise en abyme*, por conter outras narrativas dentro de si, é uma coisa dentro da outra, estratégia desentranhada pelo estudo *As formas do falso*, de 1972, também fundamental, de Walnice Nogueira Galvão (1986).

Observando esse jogo constante de esconder algo dentro de outro algo, como o abstrato dentro do concreto, pode-se afirmar que João Guimarães Rosa, através de Riobaldo - a quem chama de “irmão” na célebre entrevista a Lorenz (1983, p. 73) -, retoma os conceitos do existencialismo, principalmente como proposto por Jean Paul Sartre:

Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem não é apenas como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz (SARTRE, 1978, p. 6).

É uma reflexão filosófica existencialista a de Riobaldo, que envolve a existência e o ser e que alinhava o olhar sobre o seu passado. Nessa trajetória, a narrativa pode nos revelar a construção do pensamento ontológico de Riobaldo. O sertão nos é apresentado no nível ôntico com uma antropomorfização que, especularmente, se assemelha à constituição do sertanejo em sua heciedade jagunça, que é este sentimento sertanejo, de vastidão, que é diferente do sentimento mais fechado do mineiro das serras. Uma certa solidão de estar “nas Gerais”, em um Sertão metafísico, existencial, “o absoluto da solitude”. É essa ficção que trata de pessoas e de ideias [...]. Eu vejo *Grande sertão: veredas* como um romance existencialista. “Qual é o caminho certo da gente? Nem pra frente nem pra trás: só pra cima. Ou parar curto, quieto. Feito os bichos.” *Grande sertão* é sobre escolhas. “O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero, – é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim!” [...] (ABRANCHES, 2015, s/p).

Para acompanhar a afirmação de Sergio Abranches – “Eu vejo *Grande sertão: veredas* como um romance existencialista.” –, vamos resgatar alguns conceitos do pensamento sartreano, presentes no romance de Rosa, tais como as relações entre aparência e essência, a ideia de liberdade, a má-fé, a construção da identidade como essência de si através da existência e, sobretudo, a visão fenomenológica (no caso, do narrador protagonista sobre sua autoconsciência histórica).

Se ingênua, ou programada para tal fim, uma obra deliberadamente existencialista faria uma reprodução aproximada da filosofia sartreana, no sentido da apropriação – em forma ficcional – de fenômenos que contenham na sua essência uma concepção existencialista. Desde já, fique claro que *Grande Sertão: veredas* não é, tal como *A náusea*, uma obra existencialista, a iniciar pela ausência de uma orientação deliberadamente vinculada à obra sartreana.

O contexto de escrita de *Grande Sertão: veredas* é o de um período do pós-segunda

guerra mundial, profícuo para a ascensão de teorias filosóficas que atendessem ao sentimento de descrédito que tomou conta da humanidade. As teses marxistas e existencialistas ocupavam a pauta do debate filosófico, Rosa estava cercado disso por todos os lados. Em Grande sertão: veredas podemos até considerar a possibilidade de uma leitura marxista, sobretudo se elencarmos os debates de classe, da opressão dos grandes proprietários de terra sobre sertanejos, e mesmo a perspectiva dialética na análise dos conflitos. Entretanto, a escolha da reflexão ontológica como elemento abstrato dentro do elemento ôntico concreto da travessia nos afasta dessa hipótese da primazia materialista e nos aproxima da proposta existencialista. Ademais, há elementos na obra que corroboram essa perspectiva: os personagens de primeiro plano como Diadorim, Zé Bebelo, Joca Ramiro, Hermógenes, Medeiro Vaz, entre outros, bem como os personagens das micronarrativas, como Davidão e Maria Mutema, têm suas essências construídas a partir de seus atos, pelas escolhas que fazem e pelas decisões que tomam. Não são arquétipos, o que estabeleceria uma predeterminação da personalidade e previsibilidade das ações.

Além disso, nesses personagens é revelado o conflito interno de suas escolhas e o dobrar dessas nos atos praticados, o que confirma a noção de liberdade de escolha defendida por Sartre (1978, p. 18): “Podemos, no entanto, julgar moralmente, porque como já disse, é em face dos outros que escolhemos e nos escolhemos a nós”. Ainda que o escolhido não tenha possibilidade de se realizar face aos fatores externos: “uma pessoa precisa sempre escolher a si mesma em resposta à facticidade da situação” (COX, 2007, p. 103), afirma um estudioso do filósofo francês.

O protagonista jagunço e semiletrado Riobaldo vai se revelar por uma perspectiva, em muitos aspectos, eminentemente existencialista. Riobaldo não expressa somente sua existência pessoal e dos problemas dela oriundos, mas principalmente de uma ontologia geral para o entendimento do ser. Da travessia de Riobaldo, concluímos, com o reforço da lemniscata (símbolo do infinito) ao final do livro, a partir de considerações de João de Penha (1996, p. 45) que:

Não há nada, por conseguinte, nada a priori a definir o homem, nenhum caráter essencial que o defina como algo dado para sempre. Sua essência surge como algo resultante de seus atos, daquilo que ele faz de si mesmo, algo a se realizar. O homem não é nada mais do que aquilo que se projeta ser.

Comparando a narrativa de Riobaldo à do personagem bíblico Moisés, que tem uma natureza determinista, vemos que o segundo – para nos convencer de que foi predestinado por um deus a conduzir seu povo ao fim da escravidão – precisa recorrer aos fatos anteriores ao seu nascimento, sua infância como filho adotivo do Faraó, para só então chegar ao momento que caracteriza a sua escolha pessoal, que mesmo subjetiva é influenciada pelo metafísico. Já Riobaldo não dá espaço ou motivo para nos contar fatos do seu nascimento, nem mesmo do envolvimento da mãe Bigri e do pai/padrinho Selorico Mendes. Para ele, a sua essência surge no meio da travessia, o que contempla semelhante proposição apresentada por Sartre: “a vida não tem sentido a priori. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido...” (SARTRE, 1978, p. 21). Essa perspectiva também vai prevalecer quando os outros personagens nos são apresentados, menos por suas origens e mais por suas vivências, e às vezes exclusivamente pela existência, como o chefe Medeiro Vaz e o querido Menino/Reinaldo/Diadorim.

Lidamos com, pelo menos, dois Riobaldos: o que narra e o que é narrado. Verificamos alguma contradição entre os dois, pois, enquanto o personagem opta por

temer deus e o diabo, a ponto de fazer um pacto (que iria lhe dar poderes para vencer a guerra contra Hermógenes), o narrador vai se desfazendo dessa crença (ao ponto de negar tudo, com a costumeira ambivalência, no final do relato):

Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano (ROSA, 2006, p. 608).

Riobaldo, o narrador, refaz, a travessia pela memória, contudo, sua travessia agora é interna, em busca de si, da sua essência, ou melhor, na construção de uma narrativa que o defina. Cada vez que ele refaz a travessia estabelece e consolida novos conceitos. O narrador, reflexivo, aprofunda uma leitura que tensiona ao limite a possibilidade de liberdade e, cético, duvida da constituição dos fenômenos, em especial os de ordem metafísico-transcendental.

Riobaldo, o personagem, em todo o périplo, insiste em fazer referência ao destino de uma forma que poderia nos levar a uma ideia de fatalismo ou determinismo. Entretanto, a postura “do personagem” é sempre relativizada pela voz “do narrador” por uma afirmação/negação direta, ou de forma indireta pelo uso de metáforas, ou ainda pelo aludido processo de uma coisa dentro da outra. É o que ocorre, por exemplo, na história de Davidão e Faustino em que mesmo com o pacto ninguém morre: “Para nenhum deles tinha chegado a hora e o dia” (ROSA, 2006, p. 84). Também quando avalia a possibilidade de Ana Duzuza ter o poder de adivinhação: “E se a Duzuza adivinhasse mesmo, conhecesse por trás do pano do destino? [...] a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou” (ROSA, 2006, p. 35). Antes de narrar a morte da mãe, Riobaldo relativiza o destino de forma inequívoca: “Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim?” (ROSA, 2006, p. 110).

A elaboração de Diadorim, na consciência de Riobaldo, e a natureza de sua sexualidade exemplificam o caráter existencialista da obra. Não há em Reinaldo/Diadorim uma essência feminina a ser discutida – mesmo se considerarmos que o que sabemos dela se restringe ao revelado por Riobaldo. Ainda se considerarmos que ele como narrador faz isso com parcialidade e todo o machismo e sexismo concernente a um jagunço e sertanejo, não se pode dizer que, seja como menino, como Reinaldo ou Diadorim, exista no personagem a essência predeterminada de uma sexualidade que aponte ao feminino ou que o refute. Tampouco Riobaldo é o macho guerreiro estereotipado que se esperaria em um clichê ou determinismo vulgar.

Para o narratário – o “senhor” que, de “suma doutoração”, apenas ouve, em hipotéticos três dias – não perceber a feminilidade em Diadorim é natural, afinal o narrador o conduz, e a nós todos, a essa situação. Contudo, após desvendado o feminino do personagem, parece inverossímil que Riobaldo não o tenha percebido antes. A surpresa e a prostração dele diante do corpo morto e nu da moça nos fazem pensar que isso seja crível. Ainda assim não podemos deixar de notar que ele é enganado pela manifestação da aparência, que não é crítico a uma possível essência da dissimulação, dos conflitos de um simulacro sob aquela externalidade:

Diadorim – nu de tudo. E ela disse:

- ‘A Deus dada. Pobrezinha...’

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê eu peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... (ROSA, 2006, p. 599).

Comparemos a reação do personagem à posição do narrador que rememora (sabemos o quão inextricáveis são um e outro, mas tal artificiosa separação é necessária para os fins que aqui se pretendem). Riobaldo, o personagem, parte de uma equivalência entre aparência e essência, na qual o masculino manifestado define a essência sem que se discutam as tensões internas, inerentes à manutenção dessa aparência. Sob outro prisma, de narrador, traz à tona o ôntico de sua existência, mas problematiza suas próprias escolhas na definição dos desfechos, o que resulta em um questionamento amplo, radical, filosófico mesmo quanto à influência do metafísico (o diabo, o pacto) – que para o personagem, aliás, parecia resolvido.

Riobaldo-personagem faz uma leitura limitada, e por isso equivocada da realidade. Mesmo assim, em sua liberdade, resolve o conflito e decide pelo amor ao amigo, mas opta por deixar-se levar pelas imposições da facticidade em que está inserido – da vingança primeiro e depois o amor. Na relação com Diadorim, o para-si de Riobaldo está sempre se superando: “Ele precisa transcender perpetuamente aquilo que Sartre chamou de facticidade para poder existir” (COX, 2007, p. 91).

A questão da travessia nos parece fundamental para essa “leitura existencialista” de Grande sertão: veredas, pois ela é um elemento central da obra, e é no seu entorno que Riobaldo vai estabelecer sua narrativa. A travessia é um exemplo adequado para entender a ontologia do ser proposta por Jean-Paul Sartre.

Para fins de método, vamos nos concentrar apenas na travessia do rio, onde Riobaldo já preconiza que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2006, p. 64). Coloquemos o para-si, a consciência, dentro desse barco no meio do rio fazendo a travessia. O local é o nada, pois o barco sempre está onde ele não está, sendo o seu próprio estar em movimento. O barco vem de algum lugar, saiu de uma margem, que já ficou para trás, mas não deixa de ser sua referência de partida, é de onde inicialmente se projetou o outro lado do rio como ponto de chegada. O presente do barco está sempre deixando de ser e o projeto de chegada está sempre mudando, apesar de não perder nem mudar sua referência da saída. O barco está em uma interminável reelaboração do futuro, da chegada, mas esta só será conhecida ao fim da travessia – é a essência que só se revelará no final da existência. O para-si, assim como o barco, terá de lidar com as facticidades (no nosso exemplo, a correnteza, o vento, o peso do barco, um obstáculo inesperado – facticidades que alteram no curso o projeto e a efetiva chegada, que obrigam o barqueiro a decidir, optar, ainda que seja optar por deixar-se levar). Ao fim da travessia a consciência/barco conclui a constituição de sua essência, ou pode observar em qual ponto da outra margem efetivamente chegou.

Considerando que o conceito de má-fé em Sartre não altera a forma com que as pessoas agem, mas sim a forma de avaliar as suas atitudes, e que para o filósofo a má-fé é um artifício pessoal de autoengano que possibilita uma vida de aparência mais agradável,

não é de se espantar que a obra máxima de Rosa esteja repleta de situações exemplares de má-fé:

Porque, muitas vezes, não têm senão uma única maneira de suportar a sua miséria, isto é, pensar “as circunstâncias foram contra mim, eu valia muito mais do que aquilo que fui... Permaneceram, portanto, em mim e inteiramente viáveis, inúmeras disposições e inclinações, possibilidades que me dão um valor que da simples série dos meus atos se não pode deduzir” (SARTRE, 1978, p. 13).

Ao nascer o homem é nada, diz Sartre, e as ideias para orientar sua vida e o indicativo do caminho a seguir surgem da sua experiência, do exercício da própria vida. Assim, Riobaldo nos aponta a primeira travessia do rio São Francisco e o retorno ao rio De Janeiro com o Menino, como o momento de vivência que marca a orientação de sua vida. Lá estão os valores morais, elementos cruciais de sua travessia ontológica: o amor, o medo e a coragem, como Willi Bolle vai observar com precisão em *grandesertão.br*. É Riobaldo quem faz essa marca quando escolhe o evento da travessia como de importância inicial para a sua narrativa: “o que pode ser considerada a arquicena da história [...] essa cena reúne todas as emoções-chave da vida de Riobaldo [...] Trata-se de um ritual de iniciação” (BOLLE, 2004, p. 232). Com Sartre, veremos que a existência do homem “irá caracterizá-lo, mostrando-o em que se tornou – se bom ou mau, agradável ou antipático, destemido ou covarde” (PENHA, 1996, p. 45).

O homem em *Grande sertão: veredas* é livre no conceito existencialista. A narrativa não deixa dúvidas sobre isso, considerando, sobretudo, que não são os fatos ou outros personagens que decidem sobre seu destino, mas o próprio Riobaldo, quando faz suas escolhas, é quem elabora seu projeto de vida, quem pesa valores e consequências, defrontado com as alternativas que para ele se apresentam. Para Riobaldo, o esforço da vida consiste em fazer o seu caminho segundo o projetado da vida, transformando em ação aquilo que se idealiza. A reiteração das escolhas e a manutenção de uma ação ética são traços da opção do indivíduo que se quer livre: “Afirmo ao senhor, do que vivi: o mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até o rabo da palavra” (ROSA, 2006, p. 174). Antonio Candido diz que essa vida pode levar à “[...] coragem, à ambição, ao dever” (CANDIDO, 1983, p. 308). A dificuldade do indivíduo está diretamente vinculada às escolhas e comprova, exatamente, por que o homem está “condenado à liberdade”, para recuperar frase célebre de Sartre.

Afinal, Riobaldo tinha pacto com o Tinhoso? Seu destino – e, ademais, dos outros personagens – estava predeterminado (como insinua, por vezes)? Convencer-se que sim lhe alivia o peso da covardia diante do amor pelo amigo homem – Reinaldo, o Diadorim (ainda reconhecido como do sexo masculino). Era ele o responsável único pelo sucesso ou fracasso de suas ações? Então, pesa-lhe a frustração do amor não consumado, amplificado pela memória imagética do corpo nu da mulher Deodorina sobre a mesa após a batalha final que deu cabo de Hermógenes. O dilema não se encerra, pois o constante questionamento nauseante de Riobaldo sobre a existência/inexistência de Deus e do Diabo torna-se um elemento fundamental do impasse ontológico. A possibilidade do metafísico transcendente resolve, para o personagem (não para o narrador), o problema das responsabilidades de suas escolhas durante a travessia da vida.

A reflexão que ocupa a obra rosiana não é uma construção alegórica como faz George Orwell em *A revolução dos bichos*. Os conceitos sartreanos não estão no primeiro

plano da leitura, à mostra, epidérmicos. A filosofia (seja existencialista, seja de outra monta) de Riobaldo resulta de um processo fora do lugar-comum panfletário. Assim como há marcas na narrativa de uma presença do marxismo, como na reflexão refinadamente dialética do narrador, o discurso de Riobaldo se apropria, sem dúvida, de muitas outras perspectivas filosóficas (Spinoza, Vico, Nietzsche), sem que haja – explicitamente – predominância de alguma. Afinal, falando de religião, dirá, não sem ladina ironia: “Qualquer sombrinha me refresca” (ROSA, 2006, p. 18). O pensamento do narrador por vezes se aparenta a ideias spinozistas, dando ao sertão – símbolo de uma natureza arquipoderosa – uma dimensão de interferência na vida do indivíduo e no curso das coisas em geral, o que Riobaldo chama às vezes de acaso. O sertão é praticamente antropomorfizado. Mesmo flertando com outros sistemas filosóficos, e esse ecletismo não constitui problema nem contradição, Riobaldo se arma com o existencialismo sartriano, sentenciando: “O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo” (ROSA, 2006, p. 246). Noutras palavras, o narrador reconhece que a conduta e as decisões são preparadas por uma reflexão teórica, de base filosófica, de busca de entendimento do mundo. Sartre diz, em *O ser e o nada*, que a consciência humana se constitui feito um devir, em projeção ao futuro. O autoconhecimento, a partir do passado, do que se foi, seria uma aporia, pois aquele não é mais. O sujeito é e será, e é dessa condição que deve partir para tomar suas decisões.

Sartre atribui à má-fé um conceito diferenciado do habitual. Para ele, má-fé é quando ocorre o autoengano, momento em que a sua autoimagem moral é moldada de forma que você tenha uma boa aparência da própria imagem: “Por certo, para quem pratica a má-fé, tratava-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável” (SARTRE, 2011, p. 94). É uma espécie de não querer enfrentar a verdade ou, de outro modo, uma reinvenção da verdade tornando-a aceitável.

Riobaldo se aproxima, com frequência, desse conceito de má-fé. Um exemplo claro é quanto ao disfarce que promove em relação à ausência de coragem. Sendo um elemento característico do ser jagunço, Riobaldo não se sente, como os demais, corajoso, e para tanto busca subterfúgios tanto especulativos, quanto práticos (como o suposto pacto com o demo, para enfrentar Hermógenes).

Tatarana e Urutu Branco são apostos que se sustentam nessa autoimagem que Riobaldo cogita de sua moral e que espalha sua fama de jagunço valente, atirador bom de mira e grande líder. Mas o enfrentamento ao “judas” não é uma possibilidade real, por isso ele precisa se convencer para tornar crível (inclusive, na batalha final, em função de uma série de “acazos”, ele fica bem distante da frente de batalha).

O medo e a coragem são “dois sentimentos que, junto com o amor, constituem o miolo da experiência existencialista de Riobaldo” (BOLLE, 2004, p. 229, grifo nosso). A relação entre esses sentimentos é conduzida dialeticamente pelo protagonista, tanto no momento da vivência, quanto da narração. Em difícil equilíbrio, contribuem para amplificar a percepção, a compreensão e a assimilação do mundo e sua travessia. A coragem é o sentimento que funciona simultaneamente ao amor ou ao medo como par dialético. A “solução” dessa tríade de sentimentos envolve escolhas, opiniões, decisões, ou seja, o exercício da liberdade. Vistos pela lente existencialista, esses sentimentos compõem a angústia e a náusea de Riobaldo diante do mundo. Não à toa, mesmo fisicamente, a intensidade de tais sentimentos o leva a desmaios, em momentos críticos de instabilidade emocional.

Amor, medo e coragem estarão de mãos dadas ao longo da travessia de Riobaldo, mas de um jeito sempre tensionado, como na cena em que as mãos dos amigos se tocam: “Me deu a mão; e eu. Mas era como tivesse uma pedra pontuda entre as duas palmas” (ROSA, 2006, p. 47). A coragem de amar Diadorim e o medo de enfrentar o Sertão para combater Hermógenes são sentimentos em paralelo. O pacto surge na tentativa de resolução desses conflitos internos da tríade sentimental. “O pacto com o diabo é encenado como se fosse uma batalha contra o medo – Riobaldo fala em ‘coragem de decisão’ e ‘coragem de enfrentar a figura’” (BOLLE, 2004, p. 252, grifo do autor). Riobaldo fez um pacto com o medo e se apoia na figura do demo em uma autoilusão que depois será alimentada por um sistema de reprodução do medo nas pessoas, como uma imersão no espetáculo criado para si.

Considerações finais

No permanente questionamento em torno da validade do pacto, Riobaldo debate filosoficamente sua essência (e mesmo o silêncio de seu interlocutor colabora para essa encenação de verdades, haja vista não acontecer nenhuma réplica explícita). Mas saber ou não se deus e o diabo existem não é suficiente para Riobaldo, e podemos mesmo considerar que, para ele, independente da resolução do problema metafísico, já está internalizado o fundamento de que a existência precede a essência.

Riobaldo analisa todo esse processo de escolha e ação em um processo ruminante, uma digestão dos ocorridos da vida que ele faz relembrando, narrando, ordenando, refletindo e conceituando. Uma análise que o protagonista indica ter realizado ao menos por três vezes: a primeira durante a vivência, a segunda quando conheceu Quelemém, e a terceira quando conta ao narratário desconhecido. É relevante perceber que esses três momentos dão ênfase ao dilema que lhe recai sobre sua essência.

Já na sua essência jagunça, Riobaldo é aquilo que não é. Ele é o nada, a negação de tudo aquilo que aparenta ser, é jagunço matador em um contexto de medo e inseguranças. Ele se nega a ser realmente um jagunço típico, feito Ricardão ou Hermógenes. A consciência dele projeta-se sobre o futuro construindo aquilo que nunca foi e que ele acredita que não será. Assim, vai se constituindo como ser no mundo, elaborando-se à medida que se relaciona com as coisas e as pessoas: nessa relação, vai definindo sua consciência e seu modo de ser para-si. A semelhança entre o personagem Riobaldo (ser de papel) e nós (de carne e osso) não será mera coincidência.

Referências

- ABRANCHES, S. Uma ficção existencialista. [Entrevista concedida a] Luciana Villas-Boas. **São Paulo Review**, São Paulo. Disponível em: <https://saopauloreview.wordpress.com/2015/01/19/uma-ficcao-existencialista/>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- BOLLE, W. **grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2004.
- CANDIDO, A. O homem dos avessos [1957]. COUTINHO, E. (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 294-309.

COX, G. **Compreender Sartre**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

GALVÃO, W. N. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas [1972]. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Debates, 51)

PENHA, J. da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 10. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, G.; LORENZ, G. Diálogo com Guimarães Rosa. COUTINHO, E. (org.). **Guimarães Rosa. Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 1983. p. 62-97. (Fortuna Crítica, vol. 6) [Entrevista de 1965, em Gênova, Itália].

SARTRE, J.-P.. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**. 20. ed. Tradução Paulo Perdiggão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.